

BAZAR OIÓ: UMA LIVRARIA E O CONVITE A NOVOS OLHARES

Lúcia Tormin Mollo¹

Resumo: Não se trata de um autor ou de uma obra, mas sim de uma livraria. O Bazar Oió, que funcionou entre 1951 e 1974, em Goiânia (GO), é o objeto de estudo deste trabalho. A ideia de recorrer a Pierre Bourdieu (1992) e seu conceito de campo literário se deu para analisar como esse espaço era e ainda é visto, por meio de registros como reportagens e entrevistas. Depois, invertemos o foco e passamos a analisar como a livraria, e aqui ela estará prioritariamente representada pelo *Jornal Oió*, “enxergava” o cenário literário/cultural nacional. Por fim, como exemplo, utilizou-se o caso da visita do crítico paulista Homero Silveira à Goiânia, em 1956, e a avaliação dele sobre a produção literária local, que gerou conflito entre escritores e intelectuais do estado.

Palavras-chave: Bazar Oió, Goiânia, campo literário, polêmica.

A livraria goiana Bazar Oió (1951-1974) atuava também como editora, com a publicação periódica de um jornal cultural, promovia lançamentos de livros, funcionava como biblioteca e organizava debates políticos e literários. Existia uma dinâmica, envolvendo o dono e livreiro Olavo Tormin e os diversos agentes culturais locais, que movimentava a cena intelectual da cidade e do estado. Em 1957, Tormin criou e dirigiu o *Jornal Oió* durante um ano e nove meses e 21 edições. As páginas do impresso foram um dos espaços para o desenvolvimento dessa dinâmica.

O objetivo deste trabalho é discutir o caso concreto de uma polêmica envolvendo o escritor e crítico literário paulista, Homero Silveira, e alguns dos intelectuais goianos. Será possível demonstrar, por meio desse exemplo, o papel de Olavo Tormin, como uma figura que fomentava a cena intelectual de Goiás. O caso analisado que justifica tal afirmativa baseia-se na crítica de Homero Silveira sobre a produção literária goiana. Suas palavras foram, em parte, mal recebidas e um embate se seguiu por, ao menos, nove meses, desde o primeiro posicionamento dele até o último texto repercutindo essas opiniões. A controvérsia será contada por meio de textos publicados na imprensa da época, em sua maioria, no *Jornal Oió*.

Para a discussão proposta, recorri a Pierre Bourdieu (2002) e o conceito de campo literário, e a João César Rocha (2011) e seu trabalho sobre polêmicas na literatura brasileira. Segundo Bourdieu, “o campo é uma rede de relações objetivas entre posições” (BOURDIEU, 2002, p. 261). Neste caso, vamos pensar no *Jornal Oió* e seus colaboradores. Ainda segundo o teórico, “cada posição é objetivamente

¹ Mestranda em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, sob a orientação do prof. Anderson Luís Nunes da Mata. E-mail: ltorminmollo@gmail.com.

definida por sua relação objetiva com outras posições”: o crítico paulista, os intelectuais do estado e o diretor do jornal. Segundo o teórico, cada *posição* resulta numa *tomada de posição*, que pode ser colocada em prática de diversas formas, desde textos literários a discursos e manifestos.

Passando do grande quadro (do campo literário), vamos para o menor, a polêmica dentro desse campo. De forma geral, o conflito pode ser mal visto se for pensado como troca de farpas e insultos, ainda mais em espaços onde estão envolvidos os egos e a disputa de poder, como são o literário e o intelectual. Porém, o resultado pode ser produtivo, como avalia João Cezar Rocha ao analisar a polêmica literária nos séculos XIX e XX. Para ele, “as inúmeras polêmicas representaram o autêntico motor da vida literária, pois estimularam a delimitação de estéticas adversárias e, desse modo, foram indispensáveis na estruturação do mundo das ideias” (ROCHA, 2011, p. 69). O foco dele é o embate entre a crítica produzida na imprensa e na academia. De acordo com o autor, é preciso reavaliar o papel da polêmica na formação da vida cultural brasileira ou do “sistema intelectual brasileiro”, para superar o que ele chama de marasmo existente no Brasil contemporâneo. Ainda segundo Rocha, os brasileiros consideram as “polêmicas tupiniquins como se fossem resquícios anacrônicos da mentalidade patriarcal [...] como modo de calar o outro por meio da imposição de uma ordem hierárquica regidamente definida” (ROCHA, 2011, p. 36). Sendo assim, o objetivo da crítica seria derrotar o adversário verbalmente, sem espaço para a troca de ideias e o (re)conhecimento do trabalho do outro.

O crítico paulista Homero Silveira visitou Goiânia por três dias, em julho de 1956. Ele foi, junto com Mario Donato, presidente da Associação Brasileira de Escritores, Seção de São Paulo, participar da Primeira Semana de Arte em Goiás. Silveira era diretor do Departamento de Cursos da mesma entidade. Os dois deram palestras sobre Realismo e Parnasianismo na literatura brasileira. Foram dias em contatos com escritores e intelectuais da cena cultural da cidade. A passagem do crítico repercutiu na cidade depois que Silveira apontou defeitos na produção literária de Goiás. Sobre esse fato, assim se referiu Olavo Tormin, anos mais tarde:

Homero Silveira balançou: ele criticou, negou a literatura em Goiás. Isso levantou uma porção de protestos da gente daqui. Xavier Júnior (presidente da AGL), Bernardo Élis acharam ruim. É onde o Eli (Brasiliense) falou que cavalo lerdo deve de vez em quando levar umas cutucadas (Goiás Ilustrado, 1984, p. 29).

Um dos textos ao qual Olavo faz referência é a entrevista que Silveira deu ao jornalista Fernando Góes, do *Última Hora*. Primeiro, o crítico elogia a capital goiana pelo seu desenvolvimento, “Goiânia é um milagre do gênio empreendedor dos brasileiros” (Góes, 1956, s/p), e cita instituições importantes no contexto cultural: faculdades, bibliotecas públicas, imprensa, a Escola de Belas Artes (criada em 1952) e o Conservatório Goiano de Música (criado naquele mesmo ano), e completa ao dizer que é uma cidade onde não vai se encontrar “o vaqueiro típico do Oeste longínquo” e, sim, poetas, romancistas e artistas em geral. Os elogios abrem espaço para que fale de forma mais pontual sobre a produção literária. Para ele, falta contato com fontes modernas de cultura: “apesar dos seus 20 anos apenas de vida, encontrei os goianos ainda versejando em plena era do Simbolismo”. Silveira cita José Godoy Garcia como o único poeta que pode ser apontado como modernista, “mesmo ainda muito preso aos cânones de 22”; e segue sem baixar o tom, ao contrário, ao ser perguntado sobre quem seriam esses escritores que estão “em plena era do Simbolismo”, responde: “Uma porção” e faz a lista com Gilberto Mendonça Teles, A. G. Ramos Jubé e Geraldo Vale, então presidente da Associação Goiana de Imprensa, entre outros. Sobre eles, afirma: “Timidez é a doença deles”.

Ao tratar de prosa, o crítico faz boas referências a Eli Brásiliense, Ada Curado, como ensaísta, e Oscar Sabino Júnior e Elisio de Assis Costa. Quando perguntado sobre as livrarias, Homero Silveira fala que a “da terra” chama-se Bazar Oió: “Bem aparelhada e com as novidades literárias de São Paulo e Rio”.

Essa foi a entrevista que encontramos com as críticas de Homero Silveira, mas ele também escreveu um texto publicado em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em que trata da produção de Goiás. Não tive acesso a esse material, mas a ele são feitas várias referências pelos intelectuais envolvidos, por isso, considero que a repercussão exposta a seguir se deu levando em conta as duas publicações. Dois meses depois da entrevista ao *Última Hora*, Silveira envia uma carta a Olavo Tormin falando sobre a tal polêmica. A correspondência, de 12 de outubro de 1956, é uma resposta aos jornais que Tormin enviou ao paulista com a repercussão da sua crítica entre os escritores goianos. Segundo o texto, as reportagens do *Última Hora* e de *O Jornal* foram enviadas pelo próprio Silveira para serem divulgadas em Goiânia. Em tom conciliador, o crítico afirma que não compreenderam “o mundo de simpatia e de boa vontade” em suas palavras. Silveira diz estar dividido entre a melancolia “por vêr que

há gente interessada em me indispor com meus amigos de Goiás” e a alegria, por saber que sua visita à Goiânia não foi em vão, “ao vêr que os meios intelectuais daí reagiram ao impacto de minhas palavras”. Rocha concorda com Silveira ao reconhecer que a polêmica pode agir de forma positiva no meio literário.

Silveira afirma que tinha a convicção de que a literatura goiana, “embora dotada de talentos verdadeiros”, estava iniciando; e que quem não via isso é porque era provinciano e de má vontade. O crítico se refere a essas pessoas como homens que “nascem com o complexo de perseguição”, aversos a qualquer crítica. Explica ainda que o adjetivo “passadista”, usado por ele, é apropriado: “Mas ser passedista, por acaso, é ser burro? Não é. Nem eu disse isso dos poetas de Goiânia”. Segundo o crítico, ele preferiu não se calar e apontar os enganos a fazer elogios insinceros. “É isso que desejavam?”, questionou. Para finalizar, reafirma seus laços de amizade com Goiás: “continuo disposto a criar mil ‘casos’, sempre que resultar no progresso dessa terra e de sua extraordinária gente!”.

É interessante ver essa discussão tomando forma por meio dos textos. A carta, principalmente com o tom pessoal que lhe é característico, grita as palavras que nela estão escritas. Homero Silveira realmente se mostra preocupado com a repercussão de sua crítica e parece surpreso que tenha se dado dessa forma. Entretanto, as divergências são naturais no ambiente intelectual e necessárias, até porque, como já vimos, a polêmica funciona como um motor dentro de um campo literário que lhe garante movimento constante. E, claro, não tem local, ocorre nas periferias e nos centros e é bom que assim seja. A opinião do lado do “consagrado” não é melhor do que a do lado do “recém-chegado”². Não necessariamente, mas o debate entre eles é primordial.

A série de textos gerada por esse conflito, e analisada aqui, foi publicada ao longo de cinco edições do *Jornal Oió*. Esse impresso foi criado somente em fevereiro de 1957, seis meses após a publicação das críticas, e quatro, depois da carta analisada acima. Nesse meio tempo, o assunto, de acordo com alguns intelectuais, foi abordado em outros veículos, como a *Folha de Goiás*, mas obviamente não foi esgotado. Apenas no número de estreia, foram três textos repercutindo a polêmica. Em “A salvação é o ‘Bode Intelectual’”, Jarmund Nasser defende Homero Silveira e chega a atacar os que não o entenderam. Segundo Nasser, o crítico paulista foi franco: “Acho,

² Conceitos trabalhados por Bourdieu.

salvo alguns senões, que êle tem razão. E mesmo que não tivesse razão, a sua sinceridade merecia respeito. Tentaram responder-lhe. Falaram muito, mas não convenceram ninguém” (NASSER, 1957, p. 5). No mesmo sentido, aponta Jacy Siqueira em “A crítica e o artista”. O texto é breve, mas fala da importância da crítica construtiva, nem a que acaba com o trabalho de anos do artista nem a que é gratuita. Sobre o caso de Homero Silveira, ele afirma: “infelizmente em nossa terra [...] não sabemos receber uma crítica” (SIQUEIRA, 1957, p. 7). Já em “Crítica da camaradagem”, escrito por Oscar Sabino Júnior, Silveira não é nominalmente citado, entretanto, é perceptível o propósito do autor ao escrever tal artigo. O crítico goiano elabora o texto em cima da expressão “crítica da camaradagem” de Tristão de Ataíde. Reconhece que há crítica feita na base das relações pessoais, mas que essas não são maioria e cita Ataíde para defender sua posição sobre o tema: “prefiro o crítico honesto ao crítico inteligente” (SABINO, 1957, p. 3 e 6). Segundo Sabino, o “crítico inteligente” dá espaço para escritores de segunda mão, ao não considerar como mais relevante a qualidade do trabalho analisado.

Encontramos, no segundo número do *Jornal Oió*, uma postura mais enfática de Nasser, que volta a escrever sobre o tema em “Culto à personalidade”. Nasser afirma que o culto à personalidade também existe nos meios literários goianos, “onde já se apercebe o surgimento de uma aristocracia intelectual que não admite a menor restrição às suas obras e que só se sente bem com o alimento reconfortante da crítica elogiosa” (NASSER, 1957, p. 7). Cita um texto de A. G. Ramos Jubé, publicado na *Folha de Goiás*, em que esse reivindica a Bernardo Élis o título de “a mais forte personalidade local” e afirma que Homero Silveira se esqueceu do escritor ao se referir à literatura goiana. O atrito entre esses dois agentes, Ramos Jubé e Nasser, aumenta a cada texto até encontrar um fim mais harmônico, como veremos no final desta análise. Dois meses depois, veio a resposta no *Jornal Oió*. Em “P.S. culto à personalidade”, Ramos Jubé diz que Nasser foi injusto ao se referir a ele como o integrante de uma “aristocracia intelectual” que não admite críticas e justifica sua colocação em relação a Homero Silveira: “Apenas disse eu que Bernardo Élis estava ausente. E não estava?” (JUBÉ, 1957, p. 3, 4 e 6).

O romancista Eli Brasiliense é um dos poucos escritores mencionados por Silveira em tom elogioso. Em entrevista ao número três do *Jornal Oió*, quando perguntado sobre as palavras do crítico paulista à literatura goiana, as corrobora:

“Muito justas e oportunas. Cavalo que anda com passo lerdo precisa de umas lambadas de vez em quando. Isto veio despertar-nos para as responsabilidades da hora presente” (Jornal Oió, 1957, p. 1 e 8). Pode parecer conveniente aceitar a crítica de Silveira visto que seu texto foi elogiado por ele. Entretanto, Eli Brasiliense não foi um ponto de discórdia entre os “opositores” de Silveira. Ao contrário, o romancista já tinha uma posição estabelecida na época. O motivo da discórdia dos demais estava na ausência de outros nomes e principalmente na presença de alguns, citados pelo crítico paulista como “atrasados”.

Situações como essa ajudam a exemplificar as dinâmicas necessárias para se caracterizar um campo literário. Portanto, concluo ao citar Silvio Romero: “uma literatura pacífica é uma literatura morta” (ROMERO *apud* ROCHA, 2011, p. 88).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre (2002 [1996]). **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. Tradução de Maria Lucia Machado. – São Paulo: Companhia das Letras.

GÓES, Fernando. Literatura em Goiânia. **Última Hora**, São Paulo, 01 de agosto. 1956, s.p.

GOIÁS ILUSTRADO. No tempo do Bazar Oió. Goiânia, aprox. 1984. p. 29.

JORNAL OIÓ. Eli Brasiliense aplaude as críticas ao movimento cultural de Goiás. Goiânia, abr. 1957. n. 3, p. 1 e 8.

JUBÉ, A. G. R.. P.S. – Culto à personalidade. **Jornal Oió**, Goiânia, mai. 1957, n. 4, p. 4, 3 e 6.

NASSER, Jarmund. A salvação é o “Bode Intelectual”. **Jornal Oió**, Goiânia, fev. 1957, n. 1, p. 5.

ROCHA, João Cezar de Castro (2011). **Crítica literária: em busca do tempo perdido?**, Chapecó: Argos.

SILVEIRA, Homero. [Carta] 12 de out. 1956, São Paulo [para] Olavo Tormin, Goiânia. 3p.